

REFLEXÕES ATUAIS ACERCA DA NORMALIZAÇÃO DESCRITIVA

MARIA DE FÁTIMA CRUZ CORREIA¹;

DHION C. HEDLUND³

¹universidade Federal do Rio Grande- FURG 1 – marfat@hotmail.com.br 1

³universidade Federal do Rio Grande- FURG 3 – dhion.hedlund@gmail.com 3

1. INTRODUÇÃO

Segundo Rosseau e Couture (1988) o surgimento da escrita é produto da inquietação do homem, e quando o homem passou a produzir registros dos seus feitos, ele já estava produzindo seus arquivos, neste sentido Delmas (2010) traz a seguinte contribuição:

Os arquivos são uma realidade complexa, movediça, difícil de imaginar. Entre o momento no qual um documento é produzido-aquele em que o processo ao qual pertence é encerrado- e o momento em que, numa sala de leitura de arquivo, o usuário recebe o documento ou o processo que contém as informações que procura, passaram-se um tempo e uma sequência operações. Essas vêm a constituir o ofício do arquivista e a arquivística como disciplina. A palavra “arquivística” designa, ao mesmo tempo, uma ciência e um conjunto de métodos e de técnicas de constituição, guarda e exploração dos documentos de arquivo. (DELMAS, 2010, p. 79).

:

Nota-se então que apesar de ser antiga, a arquivística assim como outras ciências da área da informação, ainda possui um aporte teórico relativamente novo e, por isso, necessita de mais discussões quanto ao seu conteúdo e estabelecimento como uma disciplina científica.

Neste sentido de acordo com Barros (2010, p. 13) “a arquivística [...] deve ser constantemente revisitada para e a partir dessa revisão ampliar suas metodologias e formas de abordagem”, pois, acrescenta mais adiante o autor (2010, p. 13) “[...] por estar relacionada a uma prática profissional bastante específica a organização e gestão de arquivos”.

Sob este prisma nota-se a importância e o poder dos arquivos, pois o objetivo pelo qual existem está diretamente ligado ao testemunho da existência de alguém ou algo, de uma instituição privada ou pública. Neste sentido segundo SCHWARTS, e COOK (2002, p. 13) “os arquivos têm o poder de privilegiar ou marginalizar”, pois no ato de escolher o que descartar ou preservar, e após descrever para dar acesso reside o poder do arquivista.

Cabe ressaltar na arquivologia a função da descrição arquivística é o elo que liga o usuário da informação a este documento.

Deste modo segundo o DBTA (2005) a descrição é entendida como “[...] conjunto de procedimentos que leva em conta os elementos formais e conteúdo dos documentos para a elaboração de instrumentos de pesquisa” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, P. 67).

Enquanto que Andrade (2008) aponta que:

A descrição arquivística é o processo em que o arquivista cria representações de um determinado acervo arquivísticos, explicitando o contexto e conteúdo do acervo. É claramente uma atividade intelectual que demanda competências de interpretação de texto, conhecimento histórico acerca do produtor e de sua época, além de habilidade com a língua em que estão sendo produzidas as informações descritivas. (ANDRADE, 2008, p. 3).

Já quanto à normalização da descrição Nascimento (2012, p. 106) afirma que “O processo de padronização da descrição arquivística com o apoio do Conselho Internacional de Arquivos, iniciou-se no final da década de 1980, momento de emergência de ferramentas eletrônicas”. O autor (2012) menciona ainda que a partir de então foram desenvolvidas quatro normas de descrição de acervos arquivísticos, funções, instituições custodiadoras e autoridade arquivística e o Brasil foi criada a NOBRADE.

Assim o tema deste artigo esta delimitado nas atividades descritivas, e tem como objetivo refletir o porquê do uso ou não da padronização da descrição arquivística e esta justificada pelo fato de que esta discussão faz parte do ambiente contemporâneo em que vivemos como também, do crescimento do avanço tecnológico e da crescente diversificação dos usuários, como também da necessidade do profissional arquivista estar inserido nos novos contextos da realidade arquivística, e seu constante aprimoramento profissional.

2. METODOLOGIA

Quanto à metodologia usada neste artigo valeu-se de algumas etapas assim na primeira etapa ocorreu à escolha e delimitação, o objetivo e a justifica do tema.

A segunda etapa configurou-se na etapa teórica que forneceu o aporte necessário ao embasamento dos princípios discutidos no artigo, onde os dados foram coletados através de fichamentos e leituras em livros e no meio digital acerca de levantamento da literatura pertinente com a finalidade de reunir subsídios para a formação de um conhecimento mais específico. A terceira etapa se constitui na análise e interpretação dos dados.

Neste contexto quanto à finalidade da pesquisa ela é considerada como sendo uma pesquisa básica, de acordo com os procedimentos técnicos ela é considerada uma pesquisa bibliográfica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assim, já se pode dizer que há necessidade de um aprofundamento maior quanto ao tema da normalização visto que, a literatura arquivística acerca da normalização das atividades descritivas demonstra lacunas a serem preenchidas. Sendo assim o presente artigo faz uma revisão bibliográfica acerca da normalização e dos conceitos atuais da descrição arquivística

Percebe-se que a normalização já não é mais algo situado em um futuro distante e sim um presente no cotidiano arquivístico, porém observa-se que está longe de ser um consenso na área e até mesmo a descrição multinível ainda encontra divergências. Destarte, nota-se também que na literatura mais contemporânea, após muitas discussões e reflexões sobre o assunto a padronização já faz parte do fazer arquivístico.

4. CONCLUSÕES

Diante dos novos caminhos tomados pela arquivística internacional percebe-se que se torna inevitável o confronto entre o velho e o novo, e quanto às novas tecnologias não tem mãos retrocesso, por isto, são abarcadas por novas normas que são publicadas, o que se entende só virão a contribuir para a cientificidade da disciplina.

É interessante perceber que conforme a literatura vai se tornando mais contemporânea, mais a normalização e padronização dos documentos e dos serviços são mais facilmente compreendidas e aceitas. Isto não quer dizer que uma norma provoque uma limitação à atuação do arquivista, pois todas as normas contem uma margem que permita a atuação livre do arquivista.

Em vista disso, concorda-se com os autores que acenam que a normatização dos procedimentos de descrição arquivística materializado primeiro nos diversos manuais publicados e depois consolidados pelas normas tanto para os documentos nascidos no meio digital quanto para os digitalizados ou não, não é uma regra para impor restrição, mas para criar uma linguagem universal e entendida por todos o que se converte em um facilitador para o pesquisador de todas as nações.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Ricardo Sodré. Aspectos introdutórios da representação da Informação: a norma brasileira de descrição arquivística (NOBRADE), a descrição arquivística codificada (EAD-DTD) e o projeto archives HUB. **Revista Ponto de Acesso**, Bahia, v1, n.2.p.70-100, jul./dez.2007. Disponível em: < <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3211> > Acesso em: 19 jun. 2017.

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. 1 ed. Rio de Janeiro: ARQUIVO NACIONAL, 2005. Disponível em < http://conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicações/dicionario_de_terminologia_arquivistica.pdf > Acesso em: 14 maio 2017

BARROS, T. H. B... **Uma trajetória da arquivística a partir da análise do discurso [recurso eletrônico]**: inflexões histórico-conceituais. São Paulo: Cultura acadêmica, 2015. Disponível em: < <https://handle.net/11449/93667> . > Acesso em: 19 jun. 2107

DELMAS, Bruno. **Arquivos para que?** : textos escolhidos. São Paulo: Instituto F. H. Cardoso, 2010.

NASCIMENTO, Adailson; Experiências de arranjo e descrição em acervos de Instituições Federais de ensino superior. In: Nascimento, Adilsom, Venâncio Renato (Orgs). **Universidade Y Arquivos**: gestão, ensino e pesquisa. Belo Horizonte: Escola de ciência da informação da UFMG. Belo Horizonte: UFMG, p 101-111.2012.

ROUSSEAU, J. Y; COUTURE, C. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Don Quixote, 1998.